

LEITURA E COMPREENSÃO: UMA ABORDAGEM HISTÓRICO-DIALÓGICA

READING AND UNDERSTANDING: A HISTORICAL-DIALOGICAL APPROACH

LIRE ET COMPRENDRE: UNE APPROCHE HISTORIQUE-DIALOGIQUE

Alceane Bezerra FEITOSA

Júlia Maria Muniz ANDRADE

Karla Dayane Silva MONTEIRO

RESUMO:

A leitura é compreendida como um elemento que está diretamente associada à faculdade de linguagem. Por essa razão, pode ser compreendida como uma habilidade mental, cognitiva, de natureza humana e universal, que mantém relação com a cultura do indivíduo. Assim sendo, a leitura se faz presente em vários contextos nos quais os sujeitos estão inseridos. Com o intuito de evidenciar o conceito e as concepções de leitura ao longo do processo histórico, realizou-se, neste trabalho, uma discussão histórica, a partir da década de 70, do século XX, no tocante ao conceito e as concepções de leitura. Para tal intento, utilizou-se de teóricos como Bakhtin (2004, 2011), Marcuschi (2008), Sériot (2015), Kleiman (2004), Koch (2012), dentre outros. Logo após apresentado o percurso histórico do conceito e das concepções de leitura, a partir da década de 70 do século XX, espera-se ter evidenciado a relação da leitura com os aspectos cognitivos, históricos e sociais.

PALAVRAS-CHAVE

Leitura; Conceito; Objeto de estudo

ABSTRACT

Reading is understood as an element that is directly associated with the faculty of language. For this reason, it can be understood as a mental, cognitive, human and universal ability that has a relationship with the culture of the individual. Thus, reading is present in several contexts in which the subjects are inserted. With the aim of highlighting the concept and conceptions of reading throughout the historical process, a historical discussion, from the 70s, of the 20th century on the concept and conceptions of reading was carried out. For this purpose, we used theorists such as Bakhtin (2004, 2011), Marcuschi (2008), Sériot (2015), Kleiman (2004), Koch (2012), among others. Soon after presenting the historical course of the concept and the conceptions of reading, from the 70's decade of the twentieth century, it is expected to have evidenced the relation of reading with cognitive, historical and social aspects.

KEYWORDS: Reading; Concept; Study object.

RÉSUMÉ

La lecture est comprise comme un élément directement associé à la faculté de langue. Pour cette raison, il peut être compris comme une capacité mentale, cognitive, humaine et universelle en relation avec la culture de l'individu. Ainsi, la lecture est présente dans plusieurs contextes, dans lesquels les sujets sont insérés. Dans le but de mettre en évidence le concept et les conceptions de la lecture tout au long du processus historique, une discussion historique sur les concepts et les conceptions de la lecture a été menée à partir des années 70 au XXe siècle. À cette fin, nous avons utilisé des théoriciens tels que Bakhtin (2004, 2011), Marcuschi (2008), Sériot (2015), Kleiman (2004), Koch (2012), entre autres. Peu de temps après avoir présenté le cours historique du concept et les conceptions de la lecture, à partir des années 70 du XXe siècle, il est attendu qu'il ait mis en évidence la relation entre la lecture et les aspects cognitifs, historiques et sociaux.

MOTS-CLÉS: lecture; Concept ; Objet d'étude.

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, busca-se fazer um estudo historiográfico do conceito de leitura, a partir da década de 70 do século XX, momento no qual a leitura começa a ser discutida dentro da academia. Nesse período, ela é compreendida por meio de duas abordagens: uma abordagem psicossocial e uma segunda de ordem sócio histórica.

Diante deste aspecto, compreende-se a leitura integrada à faculdade de linguagem e sendo vista como uma habilidade mental, cognitiva, de natureza universal, que mantém uma estreita relação com a cultura de um indivíduo.

Diante disso, para conceituar a leitura, faz-se necessário considerar aspectos de ordem cognitiva, discursiva, interacional e social. Tais aspectos atrelam-se às diversas abordagens existentes nas ciências da linguagem. Partindo deste princípio de pluralidades de enfoques, pretende-se discorrer, neste trabalho, a respeito dos enfoques dados à leitura nas últimas décadas.

2 ABORDAGENS E COMPREENSÕES DA LEITURA A PARTIR DA DÉCADA DE 70

A segunda metade da década de 70 caracterizou-se por apresentar duas abordagens de pesquisa sobre leitura: a abordagem psicossocial e a abordagem sócio histórica.

Para Kleiman (2004), na segunda metade da década de 70, estavam no ápice do desenvolvimento os estudos de língua materna no Brasil, impulsionados pela mídia que noticiava os resultados dos vestibulares como reflexo de uma crise de leitura no país. Nessa época, predominou uma investigação pautada na concepção das ciências psicológicas, mais precisamente a Psicolinguística e a Psicologia Cognitiva. Nessa concepção de leitura, o leitor era posto no centro da investigação, visto que o interesse era o de

compreender seu funcionamento cognitivo durante o processo de compreensão da língua escrita.

Por essa razão, Koch (2012) evidencia que, nesse caso, a língua é compreendida como representação do pensamento, uma vez que o leitor é entendido como um sujeito psicológico, individual, dono de suas vontades e de suas ações. Desse modo, o texto passa a ser percebido como um construto de uma representação mental, ou seja, um produto que deve ser apreendido pelo leitor, que passa a exercer uma postura passiva de captação das ideias perante o texto.

Nessa mesma época, ganha destaque uma segunda vertente teórica na abordagem psicossocial da leitura, a saber, a Linguística Textual. Esse período foi marcado pelo entrelaçamento entre os estudos de leitura e os estudos sobre o texto, elementos que a partir disso passaram a ser compreendidos como indissociáveis.

A partir da década de 80 do século XX, elementos constitutivos que definiam a textualidade passaram a construir aspectos importantes a serem considerados no processo de compreensão. Houve, portanto, uma abertura para pesquisas voltadas aos aspectos de compreensão ou incompreensão do sujeito em situações mais complexas, relacionadas a vários fatores como, por exemplo, a presença ou a ausência de mecanismos de textualização, intertextualidade e tipologias de texto.

No entanto, foi apenas na década de 90 que ocorreu uma real ruptura epistemológica no campo das pesquisas sobre leitura com o surgimento dos estudos sobre letramento, passando a ancorar teoricamente tais pesquisas. Para Kleiman (2004), logo no início dos estudos sobre letramento, diversas abordagens sócio-históricas passaram a considerar os sistemas de significação associados a contextos históricos, sociais e culturais presentes no cenário nacional. No tocante às abordagens que influenciaram de forma mais significativa os estudos sobre leitura, pode-se citar a História Cultural da

Leitura e a concepção sócio-histórica da escrita dos estudos do letramento.

No que tange a História Cultural, torna-se relevante mencionar a contribuição de Roger Chartier (1987) que no âmbito das práticas discursivas e representações, desenvolve estudos sobre as transmutações relativas à cultura oral e a cultura escrita, passando a mostrar como práticas discursivas de indivíduos não-letrados podem participar da cultura letrada através de práticas culturais diversas, como a leitura coletiva e a literatura de cordel (BARROS, 2005). Outra contribuição importante foi a do alemão Wolfgang Iser que a partir da Teoria do efeito estético analisou percepções fenomenológicas advindas da produção e da percepção do discurso (seja no campo sintático ou semiológico), proporcionando, com isso, um encontro entre o artista e o leitor, se estabelecendo no processo de interação no ato da leitura (BORBA, 2016).

Portanto, as pesquisas sobre leitura adquirem uma nova perspectiva, passando a ser estudada e analisada enquanto prática social específica de uma comunidade. Assim sendo, os atos de leitura passam a ser não só relacionados, mas intrínsecos ao contexto em que atuam os sujeitos/leitores. Nessa perspectiva, há, pois, uma forte inclinação para a construção social de saberes inerentes a eventos comunicativos que envolvem principalmente a interação. Entende-se, diante disso, que as pesquisas sobre leitura passam a incorporar novos elementos que visam à reconstrução da história social do leitor.

Nesse percurso histórico, observam-se mudanças significativas nas concepções de leitura, essas associadas diretamente à perspectiva de língua adotada. Assim, a leitura baseada numa noção de língua enquanto representação do pensamento tinha como foco o autor. Em tal concepção de língua, a leitura é para Koch (2012, p.10):

Uma atividade de captação das ideias do autor; sem se levar em conta experiências e os conhecimentos do

leitor, a interação autor-texto-leitor com propósitos construídos sociocognitivo-interacionalmente. O foco de atenção é, pois, o autor e suas intenções, e o sentido está centrado no autor; bastando tão-somente ao leitor captar essas intenções

A segunda concepção de leitura tinha como foco o texto, reflexo de uma abordagem de língua como um código a ser decodificado pelo leitor, correspondente a um sujeito determinado pelo sistema linguístico. Sendo centrada no código, esse tipo de abordagem destaca o sujeito como predeterminado pelo sistema, e o texto é visto como um simples produto da codificação.

A leitura, nessa perspectiva instrumentalista, exige do leitor o foco no texto, em sua linearidade, na explicitude, não levando em conta a implicitude, ou seja, os aspectos contextuais. Cabe apenas ao leitor o reconhecimento da materialidade do escrito, uma atividade de reconhecimento e de reprodução. É uma concepção que pode atrelar-se ao Objetivismo Abstrato, analisada e criticada por Bakhtin (2004).

No Objetivismo Abstrato impera o domínio da estrutura linguística sobre o sujeito. Assim, a essência da língua encontra-se no próprio sistema. Para os objetivistas, a língua é um sistema imóvel e acabado, que dispõe para os indivíduos signos e regras sem que estes possam interferir conscientemente nesse sistema. Bakhtin (2004), ao criticar o Objetivismo Abstrato, sustenta suas críticas pautado nas dicotomias de Saussure.

A primeira dicotomia é Língua x Fala. Os objetivistas, nessa dicotomia, entendem que a essência da língua reside em ser um produto homogêneo e estável imposto ao sujeito, que não pode criar nem modificá-la, visto que o sistema é dado ao indivíduo por sua comunidade linguística.

Quanto ao caráter imutável da língua, Bakhtin (2004) defende que ela sofre

alterações mesmo quando analisada sincronicamente. A esse respeito, Bakhtin (2004, p.108) destaca:

Tratar a língua viva como se fosse algo acabado [...] implica uma atitude hostil em relação a todas as inovações linguísticas. A reflexão linguística de caráter formal-sistemático é incompatível com uma abordagem histórica e viva da língua. Do ponto de vista do sistema, a história apresenta-se sempre como uma série de destruições devidas ao acaso

A língua apresenta variações mesmo no momento da fala, embora o sujeito não perceba, uma vez que sua percepção no momento é sincrônica. Mesmo assim, vários processos de variação linguística ocorrem no ato da fala. E, antes mesmo que essas mudanças se tornem perceptíveis pela comunidade linguística, elas já têm existência latente no próprio discurso dos sujeitos.

O enfoque dado à forma linguística, sem levar em consideração os sujeitos no ato da enunciação é um dos aspectos que mais divergem do pensamento de diversos estudiosos, dentre eles, Bakhtin (2004, p. 96), quando afirma que:

O locutor serve-se da língua para as suas necessidades enunciativas concretas (para o locutor, a construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala). Trata-se, para ele, de utilizar as formas normativas (admitimos, por enquanto, a legitimidade destas) num dado contexto concreto. Para ele, o centro de gravidade da língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada, mas na nova significação que esta adquire no contexto

O sentido da palavra, nessa perspectiva de linguagem só tem condições de apreensão quando é considerada em seu contexto real de uso. A palavra, dessa maneira,

ganha diferentes sentidos ao ser utilizada em situações diversas, ou seja, em diferentes contextos de uso. O valor do signo, por sua vez, para Saussure, está na relação que este tem com os outros dentro do próprio sistema. Em direção oposta ao pensamento saussuriano, Bakhtin atribui o valor do signo à relação que ele tem com o externo, com o contexto, situando o sujeito dialógico em uma abordagem histórica e viva da língua.

Nessa concepção bakhtiniana de língua, a leitura passa a ser entendida por uma perspectiva sociointeracionista que, para Koch (2012), é aquela que focaliza a interação autor-texto-leitor. Diferente das concepções anteriores, que tinham como foco apenas o texto, esta apresenta uma perspectiva interacional e dialógica de leitura, na qual se passa a considerar três elementos constitutivos do ato da leitura: o autor, o texto e o leitor.

Os sujeitos nessa perspectiva sociointeracionista integrada a uma abordagem sócio histórica de leitura são vistos como construtores sociais ativos que, de forma interativa e dialógica, constroem o texto e também nele se constroem, uma vez que o texto é o próprio lugar da interação entre os sujeitos. Nesse sentido, a leitura é considerada uma atividade interativa de construção de sentidos.

Essa última concepção apresentada por Koch (2012) está ancorada no pensamento dialógico proposto por Bakhtin (2004). Este pensamento compreende a língua como resultado da interação verbal, pelo fato de a língua só poder produzir sentidos quando inserida no contexto de uso, de relações entre os sujeitos.

A língua possui uma natureza comunicativa, portanto, é entendida como um fenômeno de caráter puramente social e dialógico. A linguagem apresenta sua dupla face: a social/ individual (mundo/ sujeito) e a natureza comunicativa. Essa dupla face caracteriza a interação verbal, esta, por sua vez, é aspecto central para a compreensão da linguagem como ato discursivo.

Sendo o sistema linguístico produto de uma reflexão sobre a língua, a compreensão dialógica da linguagem insere o sujeito/locutor nesse processo. Sériot (2015) esclarece que, nessa dinâmica, Bakhtin insere a presença de locutores e não de enunciadores.

Nesse aspecto, o sujeito é um indivíduo concreto, real, sustentado nas situações de uso que se caracterizam pela particularidade de estar sempre em diálogo permanente com a fala dos outros indivíduos, de responder ao outro, além da capacidade de antecipação da reação desses. A esta capacidade de responder ao outro, Bakhtin chama de atitude responsiva/responsividade em que o locutor mantém uma compreensão ativa da língua. Bakhtin (2004, p.271) reflete que:

Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é preenche de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte e o falante. A compreensão passiva do significado do discurso ouvido é apenas um momento abstrato da compreensão ativamente responsiva real e plena

Nesse processo de interação verbal, o enunciado vivo difere da mera forma linguística. Esta, enquanto sinal, é estável e equivale apenas a si mesma, sem valor significativo. Somente como signo, passa a ser variável e flexível, mas para adquirir a condição de signo, o sinal deve ser considerado a partir do contexto interacional. A partir do ponto de vista do locutor, deve levar em consideração o ponto de vista do receptor.

Nessa perspectiva aparece a diferença entre ato de descodificação e ato de reconhecimento da forma utilizada. Reconhecer a forma implica a relação com o sinal, enquanto que descodificar o sinal implica, num contexto preciso e específico, compreender a significação

particular da forma. Para que o sinal se desloque “dialeticamente” para signo, é necessário que seja absorvido pela nova qualidade de signo que adquire na situação comunicativa.

Essa assimilação resulta na compreensão (descodificação) que implica um contexto ideológico preciso, portanto, o signo configura-se também como ideológico. Bakhtin (2014) ressalta que “não são palavras que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais [...]. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ideológico ou vivencial” (BAKHTIN, 2004, p. 272).

A enunciação (falada ou escrita) sempre será uma resposta a alguma coisa e será atribuída como tal. Por isso, ela é um elo da cadeia dos atos de fala, sendo o enunciado sempre uma ponte para a ligação com outros enunciados, um elo na cadeia de comunicação discursiva. Dessa maneira, cada enunciado, em sua plenitude, é caracterizado pelos elementos extralinguísticos que o compõem. Esses elementos são dialógicos e perpassam também o interior do texto.

Para a concretude da compreensão, Bakhtin (2004) propõe estabelecer os limites essenciais do enunciado. Ideia que retoma o conceito de responsividade, da capacidade de resposta entre os sujeitos da enunciação. Assim, dá-se a alternância dos sujeitos do discurso, ou seja, a capacidade que cada um tem de saber a hora de falar e escutar, ser capaz de fazer antecipações e réplicas.

Percebe-se aqui o papel significativo e ativo do outro no processo de significação discursiva, uma relação dialógica, responsiva e dialética. A relação dialógica insere o outro e o mundo, o contexto, conferindo à linguagem seu caráter dialógico.

Na dialética da inter-relação semântica e dialógica, entende-se que o sujeito nunca está sozinho no ato da comunicação. Bakhtin (2011) revisita constantemente o discurso do “outro”, trazendo-o em

todo ato de comunicação, compreensão, leitura e escrita. Nessa perspectiva, o texto (escrito ou oral) é a realidade imediata do pensamento e das vivências do sujeito dialógico. O pensamento, os sentidos e os significados estão voltados para o outro e se constroem a partir do outro, configurando-se em forma de texto; e é nesse campo intersubjetivo que acontecem as relações dialógicas entre os textos.

O sujeito passa sempre pelo discurso do outro e a leitura de um texto é sempre intersubjetiva e interdiscursiva. Para ler/compreender um texto é necessário penetrar na cadeia discursiva em que ele é constituído. Dessa maneira, o leitor sempre interage e dialoga com o texto, numa atitude ativa e responsiva, na qual constrói os sentidos do texto-discurso. Dessa maneira, todo texto na conjuntura de sua teia discursiva, apresenta a voz do outro, apresenta implícitos e vazios. Os implícitos devem ser compreendidos através de pistas dadas pela própria relação interdiscursiva no contato com o texto e os vazios preenchidos pelo leitor, num processo de construção de sentidos.

O leitor torna-se co-autor do texto na produção de sentidos. Por isso, o texto, na compreensão dialógico-responsiva não está pronto, pois permanece em construção. É, pois, um evento dialógico, sendo o leitor um sujeito ativo e responsivo em relação ao texto. Essa é a grande contribuição da teoria dialógica: perceber a linguagem não somente como expressão do pensamento, mas como um elemento vivo, histórico, contextual. Além disso, deve-se reconhecer o papel primeiro da compreensão, da troca, do diálogo, da significação, da dialética do signo, do outro e das vozes que permeiam a cadeia interativa da linguagem.

Nessa perspectiva, Marcuschi (2008), ancorado nos pressupostos de Bakhtin (2004), reflete a compreensão textual como trabalho criativo, uma abordagem sobre o processo de leitura como ato de compreensão. A noção de língua e texto, relacionada à leitura, é um processo que envolve três aspectos importantes: o cognitivo, o social e o histórico. Para

Marcuschi (2008, p. 230):

Compreender exige habilidade, interação e trabalho. Na realidade, sempre que ouvimos alguém ou lemos um texto, entendemos algo, mas nem sempre essa compreensão é bem-sucedida. Compreender não é uma ação linguística ou cognitiva. É muito mais, é uma forma de inserção no mundo e um modo de agir sobre o mundo na relação com o outro dentro de uma cultura e uma sociedade.

Compreender, portanto, ultrapassa o viés da ação linguística e cognitiva, estando intrinsecamente relacionada com o processo de interação que pressupõe um sujeito ativo e interativo. Compreender, seria assim, uma atividade colaborativa que se dá na interação entre três elementos essenciais: leitor-texto-autor ou ouvinte-texto-falante, visto que a compreensão paira tanto sobre os textos orais quanto escritos. Colocando a linguagem numa perspectiva de funcionamento, esta é um reflexo de ações diárias, que situa o usuário da língua em um conjunto de atividades sociais e cognitivas, bem como produtores de sentido, com base em atividades inferenciais.

O funcionamento da linguagem é sensível ao contexto, não sendo pertinente analisá-la como um sistema monolítico que permite “fotografar a realidade”. A língua é, antes de tudo, heterogênea, uma atividade construtiva, uma forma de ação, um sistema simbólico que não apresenta uma forma semântica pronta. Nela, os sentidos não estão aprisionados no interior do texto (isso seria apreensão de conteúdos informacionais). A língua permite a pluralidade de significações que vai além do texto, tendo o autor e o leitor, nesse processo de produção de sentidos, uma relação de co-autoria e é nesta concepção construtiva de língua, que o texto deve ser encarado como um processo e, enquanto tal deve ser visto como um evento comunicativo.

A língua deve ser vista como um ato de

enunciação que está em permanente elaboração ao longo de sua história e que pode ser percebido de diferentes formas, por diversos leitores. Assim sendo, o texto é um construto equilibrado entre forma e conteúdo e se encontra em uma zona intermediária entre as várias alternativas de compreensão e dos limites da mesma. Seu sentido não está no leitor, nem no autor, nem nele mesmo, mas nas relações estabelecidas entre eles e o mundo.

Nessa percepção de texto é que entra a noção de inferência relacionada ao processo de compreensão. Assim, compreender é mais que decodificar, é inferir. Portanto, compreensão é atividade inferencial. O sentido não está somente no texto, mas emerge como efeito de negociação, estratégias que proporcionam um olhar além da reprodução ou paráfrase de informações. Para Marcuschi (2008, p. 249):

A contribuição essencial das inferências na compreensão de textos é funcionarem como provedoras de contexto integrador para informações e estabelecimento de continuidade do próprio texto, dando-lhe coerência. As inferências funcionam como hipóteses coesivas para o leitor processar o texto. Funcionam como estratégias e regras embutidas no processo.

As inferências lidam com diversos tipos de conhecimentos que extrapolam o texto: os antropológicos, psicológicos, dentre outros, isso implica uma relação do conhecimento com o contexto, com experiências e ações que entram no jogo discursivo e interativo.

O processo interativo, como o próprio nome já sugere, relaciona-se com atividades de interação, negociadas e não unilaterais. Já o processo inferencial situa-se nas atividades em que o conhecimento de diversas procedências entram em ação. Por isso, compreender não é uma atividade de “precisão”, mas de seleção, troca, reordenação e de reconstrução que permite

uma certa margem de criatividade, e é em relação a esta margem de criatividade que se apresentam os diversos horizontes de compreensão leitora sobre o texto.

Marcuschi (2008) classifica-os como: falta de horizonte referente à mera atividade de repetição/ cópia, mas faz uma ressalva esclarecendo que decorar não garante a compreensão. A leitura parafrástica, uma repetição com outras palavras, é denominada de horizonte mínimo. As atividades de inferências (geração de sentido a partir de informações internas do texto) são chamadas de horizonte máximo. Já o horizonte problemático permuta o limite da interpretabilidade em que o leitor apresenta leituras de caráter pessoal. O mais distante no processo de compreensão é o horizonte indevido situado na “área da leitura errada”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos pressupostos apresentados sobre a leitura, é perceptível a relação que a leitura tem com a concepção de língua que se adota. Tomando a língua como um conjunto de atividades sociais e históricas, o sujeito/ interlocutor torna-se parte integrante e ativo deste conjunto. A leitura e a compreensão leitora são reflexos de um processo interativo que se dá no e pelo contexto sócio histórico em que o sujeito está inserido. A leitura estabelece, dessa maneira, uma relação entre leitor e autor enquanto sujeitos sociais em um processo dinâmico de interação. Nesse contexto, pensar em leitura é pensar em algo que é construído a partir do contexto sócio histórico.

A leitura se configura como cenário propício para o processo de interação e criação verbal, tendo em vista que é na língua que o sujeito age ativamente e responsivamente, envolvido não em uma língua enquanto conjunto de códigos, mas como conjunto de signos ativos, construídos no tempo e no contexto interativo, social e histórico, pressupostos importantes que ancoram a abordagem dialógica da leitura e da compreensão dos textos.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. M. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BORBA, Maria Antonieta Jordão de Oliveira. Contribuições da teoria do efeito e do discurso filosófico para contemplar as artes visuais. *Soletras*, nº 32, jul./dez., 2016, p. 211-222. Disponível em: <file:///C:/Users/Rinaldo/Desktop/Contribui%C3%A7%C3%B5es%20de%20Wolfgang%20Iser.pdf>
- D'ASSUNÇÃO BARROS, José. A História Cultural e a contribuição de Roger Chartier. *Diálogos*, vol.9, nº 1, 2005, p. 125-141. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305526860014>>
- KLEIMAN, Ângela (2004). *Abordagens da leitura*. Scripta, Belo Horizonte, vol. 7, nº 14, pp. 13-22.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- SÉRIOT, Patrick. *Volosinov e a filosofia da linguagem*. [Tradução Marcos Bagno]. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

Recebido em 27 Jun 2018 | Aprovado em 20 Nov 2018

Alceane Bezerra FEITOSA

Mestre em Letras - Área de Concentração em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal do Piauí. Possui graduação em Letras/português pela Universidade Federal do Piauí (UFPI); Especialização em Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade Estadual do Piauí. É pesquisador do Núcleo de Pesquisa NuPEP (Núcleo de Pesquisa e Ensino do Português). Atualmente é professor substituto da Secretaria de Educação do Estado do Piauí (SEDUC-PI). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Historiografia Linguística e Ensino de Língua Portuguesa.

Júlia Maria Muniz ANDRADE

Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Piauí- UFPI. Possui graduação em Letras Português/Francês pela UFPI; Graduação em Letras Português pela Universidade Estadual do Piauí- UESPI. Graduação em Secretariado Executivo pelo Instituto Federal do Piauí- IFPI. Especialização em Política de Promoção da Igualdade Racial na Escola pela UFPI. Especialização em Estudos Linguísticos e Literários pela UESPI. Curso Méthodologie du français langue étrangère no Centre d'Approches Vivantes des Langues et des Medias- (CAVILAM) Vichy/ França.

Karla Dayane Silva MONTEIRO

Mestrado em Letras pela Universidade Federal do Piauí, Especialista em Metodologia do Ensino Superior pelo Instituto de Teologia Aplicada. É graduada em Licenciatura Plena em Letras-Português pela Universidade Estadual do Piauí. Possui experiência profissional na Educação Básica e no Ensino Superior. Atua no Ensino Superior em cursos de licenciatura e bacharelado na Universidade Federal do Piauí. Concentra-se em pesquisas referentes à leitura e escrita.